IRONIA E METÁFORA – A LINGUAGEM FIGURADA: O SEU EFEITO ARGUMENTATIVO E A SUA APLICAÇÃO NO ENSINO DA LÍNGUA MATERNA

Lílian Manes de OLIVEIRA

RESUMO. O trabalho visa à análise macro e microestrutural do texto *Recomendações para a Copa de 2010*, de Roberto Pompeu de Toledo, publicado na revista *Veja*, de 12/07/2006. Enfoca o efeito de sentido persuasivo-argumentativo da linguagem figurada, especialmente da metáfora e da ironia, associando-o às noções de *topoi*, conhecimento compartilhado e valor, esta última sob a óptica de Charaudeau (1992). Baseado em Portine (1978), aborda procedimentos metodológicos para as últimas séries escolares, propiciando aos alunos uma técnica de leitura reveladora da construção do texto não só como troca de informação mas ainda como elemento de argumentação entre escritor/leitor.

ABSTRACT. This paper focuses on the macro and micro structural analysis of the text *Recomendações para a Copa de 2010*, by Roberto Pompeu de Toledo, published in the magazine *Veja*, on July, 12th, 2006. It concentrates on the argumentative persuasive meaning of figurative language, especially the metaphor and irony, associating it with notion of *topoi*, shared knowledge and value. The latter is taken as conceived by Charaudeau (1992). Based on Portine's work (1978), it approaches methodological procedures for the last school grades, offering the students a reading technique that reveals the text construction not only as information exchange, but also as an argumentative element between writer/reader.

1. Introdução

A literatura sobre a linguagem figurada é bastante ampla e coincidente em muitos aspectos. Desde a Antiguidade, quando foi estudada como *figuras de retórica*, constatou-se um desvio do emprego comum de certos modos de falar..

Os retóricos as enquadravam em problemas de estilo e de expressão. Mas o seu papel argumentativo já havia sido postulado por oradores como Latrão (PERELMAN, 1996:189) ou filósofos como Aristóteles (BOISSINOT, 1994:89).

Para Vossius (1978:495), filólogo holandês do final do século XVI e princípio do século XVII, havia quatro tropos principais: a metáfora, a metonímia, a sinédoque e a ironia. Tal classificação baseia-se nas figuras lógicas simples da inclusão (sinédoque), da disjunção (ironia), da inclusão parcial (metáfora) e da contigüidade (metonímia). Assim, as metáforas se fundamentam em semelhanças; as ironias, em contrastes.

2. A metáfora

Ao traçar o roteiro diacrônico da metáfora, Boissinot (1994:90) posiciona ter sido ela percebida como um ornamento da linguagem poética – no máximo como uma elegância da argumentação -, não como um instrumento a serviço desta. Outra limitação a ela imposta era o fato de ser vista como uma forma derivada da comparação; desviava-se, assim, a atenção do essencial: a transferência de sentido, segundo a etimologia grega do vocábulo *metáfora* (*metaphorá* – transporte, translação, trazido ao português pelo latim *metaphora*), – a interferência entre dois campos semânticos. Pode-se conceituar a metáfora como resultado do uso da linguagem no qual algumas propriedades e relações próprias de um domínio são transferidas a outros domínios, tirando partido de alguma semelhança estrutural entre esses dois.

Nos textos argumentativos, a metáfora não é nem ornamental nem poética e sim um instrumento essencial da argumentação. Como todo procedimento argumentativo, ela só pode funcionar a partir de um consenso sobre determinados valores. Para Charaudeau (1992: 815-821), os valores se classificam em: éticos, estéticos, hedonísticos e pragmáticos. Os primeiros se referem à moral; os segundos, à beleza; os terceiros, ao prazer; os últimos, à praticidade. Cada sociedade os gruba de acordo com a sua visão de mundo, baseada nos *topoi*, “princípios gerais comuns, apresentados como aceitos pela coletividade” (ANSCOMBRE/DUCROT, 1997: 103). Cabe ao argumentador questionar sobre e com tais valores, apoiado no conhecimento compartilhado com o leitor. Charaudeau (1992: 87) também afirma que a metáfora resulta da contaminação entre os conteúdos semânticos de dois termos, proporcionando uma visão do mundo na qual os signos sofrem uma metamorfose.

Se a metáfora poética busca abrilhantar o prosaísmo do discurso, a metáfora argumentativa se baseia no tom acinzentado do lugar-comum. “Argumentar é conduzir o receptor a esse lugar comum onde poderá haver um intercâmbio de pontos de vista.” (BOISSINOT, 1994: 89-90). Ela não é um embelezamento pontual, mas um elemento organizador do discurso e um fator de coerência textual. Não se pode suprimi-la sem destruir a argumentação.

As funções discursivas da metáfora são sintetizadas por Charaudeau & Maingueneau (2004:229-230): a) função estética, constituindo um ornamento brilhante; b) função cognitiva – de forte rendimento heurístico, pois permite explicar analogicamente um domínio novo, ou pouco definido, por um domínio conhecido; c) função persuasiva – muito usada no discurso midiático, dentre os demais (político, jurídico, moral), para impor opiniões sem necessidade de demonstrá-las.

A força persuasiva da metáfora se deve ao fato de fornecer uma “analogia condensada ... “transferindo analogicamente um valor decisivo ligado ao termo metafórico para a proposição que se quer que seja aceita” (PERELMAN, 1996: 535).

Caso particularmente interessante de observar é o de textos em que o sistema metafórico se modifica progressivamente. É característica da argumentação fazer o receptor passar de um ponto de vista inicial recusado a um ponto de vista final assumido, segundo um processo dinâmico. A metáfora evolui frequentemente para permitir essa progressão de raciocínio.

Outro aspecto a considerar é o uso de metáforas cujos tipos se encontram completamente gramaticalizados, transformando-se em expressões idiomáticas: “perder o bonde”, “encher lingüiça” (CHIERCHIA, 2003: 261). Seu significado literal apresenta alguma semelhança estrutural com o significado idiomático, mas eles já estão registrados no léxico com esse último significado. A situação muda para usos figurados essencialmente novos, porém tem-se a percepção de que para entender-se um uso figurado ainda não encontrado deve-se considerar o significado literal da expressão figurada: o segundo significado se relaciona ao primeiro.

3. A ironia

O vocábulo *ironia* se originou do grego *eironeia*, interrogação, pelo latim *ironia*. Segundo Nascentes (1955: 330), era um processo de ensino empregado por Sócrates, para argüir seus alunos, fingindo desconhecer o assunto. Por haver, talvez, sarcasmo nessas perguntas, o termo adquiriu, na Retórica, o sentido de “expressão que consiste em dar a entender o contrário do que se quer dizer” (CUNHA, 1999: 446).

Tanto a ironia quanto a metáfora podem ser explicadas em termos de implicatura (CHIERCHIA, 2003: 298). Esta é aquilo que o falante comunica globalmente, para além do significado gramatical. Há um significado gramatical e um significado no sentido mais amplo, isto é, a gramática subdetermina aquilo que é efetivamente dito. O significado tomado em toda a sua complexidade brota da interação entre a gramática e outras capacidades. Os fatores propriamente gramaticais se representam pelo significado literal de uma expressão; os fatores extragramaticais se caracterizam pelos princípios que regem a conversação e pelo uso razoável de conhecimentos factuais específicos. Para se calcular uma implicatura, primeiro se considera o significado literal de uma expressão e depois, se ele for de alguma forma inadequado aos objetivos da conversação, cria-se uma hipótese sobre o que o interlocutor está pretendendo dizer.

Cada teoria analisa a ironia em função de seus pressupostos. Ela viola uma das máximas conversacionais de Grice, e concorda-se, em geral, com seu caráter desvalorizador. Provoca efeitos diferentes no alocutário ou num terceiro participante. Para Kerbrat-Orecchioni (1986: 102), “ironizar é sempre, mais ou menos, escolher um alvo que se trata de desqualificar.”

Mas a ironia deve ser conceituada como o tropo por meio do qual se compreendem coisas opostas. Para que uma comunicação, na qual ela apareça, obtenha êxito, necessita de um projeto irônico, aliado a uma recepção também irônica. A ironia não pode ser classificada como um discurso mentiroso, pois não há da parte do emissor nenhuma intenção de mentir, e não são enganados nem quem escreve, nem quem lê. Assim, Charaudeau & Maingueneau (2004: 292) apontam o caráter aberto da ironia, contrariando o da metáfora. Ela surge quando se assume uma atitude crítica e de mofa em relação a algum objeto ou fenômeno, fingindo o contrário.

4. O “corpus”

Recomendações para a Copa de 2010

Roberto Pompeu de Toledo

I. A maioria dos jogadores deve ser recrutada entre os que jogam no Brasil. É imperativo que tenham bem frescas na memória coisas como mensalão, estradas esburacadas, favelas, poluição visual, bala perdida, deputados sanguessugas, nepotismo, trambique, propina, ultrapassagem pela direita, trafegar no acostamento, cadeias superlotadas, rebeliões em cadeias, dar um jeito, jogar lixo nas ruas, atirar pneus velhos nos rios, guerra de quadrilhas, salário mínimo, menos que salário mínimo e caixa dois. A ausência do convívio cotidiano com tais categorias pode levar à sensação de que se é alemão, suíço ou holandês.

II. Não devem ser convocados, especialmente, jogadores do Real Madrid. Trata-se de um time perdedor. É bom jogar no Madrid para ser capa de revista, vender camisetas com seu nome e namorar modelos, não para ganhar campeonatos. Todos os jogadores desse time fracassaram na Copa da Alemanha: os da seleção da Espanha, os da seleção do Brasil e David Beckham. Luís Figo e Zinedine Zidane tiveram boas atuações porque deixaram a tempo o Real Madrid e a maldição que o acompanha. De Robinho não se pode dizer que fracassou porque quase não jogou, mas é pena que integre um elenco de contumazes perdedores. Estão criadas as condições para ser estragado.

III. Devem ser convocados jogadores mais afeitos a comemorar vitórias do que derrotas. Ronaldinho Gaúcho, um dia depois da eliminação do Brasil, deu uma festa em sua casa de Barcelona. Os presentes, entre os quais Adriano, ainda esticaram numa boate, até altas horas. O mesmo Adriano tinha acabado de comprar um Porsche de 500 000 reais para se homenagear pela performance nos campos da Alemanha.

IV. O técnico deve ter real disposição para formar equipes vencedoras. *Formando Equipes Vencedoras* é o título do livro que, assinado por Carlos Alberto Parreira, ocupou os melhores espaços nas livrarias nas semanas anteriores à Copa. Na Alemanha, no entanto, ele abriu uma exceção e formou uma equipe perdedora. Nesse novo desiderato, foi impecável: teve medo de desagradar aos mais famosos, treinou o time pouco e mal e achou normal que os jogadores gastassem as folgas em baladas até as 5 da manhã.

V. O técnico deve ter cabeça menos colonizada. Parreira disse o tempo todo que preferia os jogadores que jogam na Europa. Apoiou com entusiasmo a transferência de Robinho para o Real Madrid. Acha que os jogadores “amadurecem” na Europa. É curioso. Se o Brasil se considera – e é considerado – possuidor do melhor futebol do mundo, por que seus jogadores amadureceriam melhor em outro lugar? Questões de mercado à parte, mais certo seria dizer que Figo ou Zidane amadureceriam disputando um campeonato brasileiro. Nem Pelé nem Garrincha jogaram em times europeus. Dispensaram esse amadurecimento.

VI. Anúncios com jogadores ou com o técnico da seleção só devem ser permitidos terminada a Copa, como prêmio aos vencedores, não antes. Parreira estava tranquilo porque tinha a Golden Cross a seu lado. Tão tranquilo que dormia no banco durante os jogos. “Hã? Só faltam quinze minutos?”, perguntou, ao despertar, no segundo tempo do jogo contra a França. Pôs então Cicinho e Robinho em campo. Era tarde. Dizia-se que Vicente Feola, o técnico vencedor de 1958, dormia durante os jogos. Era mentira. Parreira, graças à Golden Cross, é o verdadeiro Vicente Feola. Já Ronaldinho Gaúcho ficou tão desesperado para recuperar seu desodorante Rexona, ao se descobrir misteriosamente desprovido dele, que gastou ali toda a sua energia. Há uma relação direta entre os anúncios e o fracasso do Brasil na Copa da Alemanha.

VII. Devem ser cortados do elenco jogadores que digam se sentir “motivados” para a Copa. Se precisam dizer isso, é porque não estão.

VIII. Terão preferência, ao contrário do que ocorre entre os executivos das empresas, jogadores que não dominem línguas estrangeiras. Roberto Carlos foi flagrado dando ordens em espanhol à defesa. Não causaria espanto se viesse a público que Lúcio e Juan se comunicavam em alemão, sem que Dida os compreendesse. Ou que Cacá pedia a bola

em italiano e Juninho Pernambucano, interpretando-o mal, respondia com palavras em francês. Houve uma zaga da seleção, formada por Aldair e Antônio Carlos, que dialogava em italiano. “Confundamos a sua linguagem para que não mais se entendam uns aos outros” (Gênesis, 11.7) O pessoal de Babel, quando muito, chega às quartas-de-final.

IX. Serão suspensos de suas funções os locutores que falarem em “atitude” sem especificar a que atitude se referem. “Faltou atitude!”, disseram vários deles depois do jogo contra a França. Qual atitude? Atitude derrotista? Atitude conformada? Atitude de apatia? Atitude passiva? Estas, ao que consta, sobraram. Atitude arrogante? Atitude de valentia? Atitude de vencedor? Virou moda recorrer à palavra “atitude” como se, em si mesma, significasse algo. Desacompanhada, não quer dizer nada.

X. Devem ser convocados jogadores um pouco mais pobres do que os da safra 2006. (Veja, 12 de julho, 2006)

5. A análise do corpus

O texto se organiza em dez grupos de recomendações para que o fracasso da seleção brasileira na Copa de 2006 não se repita na Copa de 2010. No primeiro parágrafo, encontram-se as metáforas: *bem frescas na memória*, *deputados sanguessugas* e a enumeração de todos os problemas concretizados pelo vocábulo *coisas*. No segundo, a prosopopéia da *maldição que o acompanha* e o adjetivo *estragado*, referindo-se a Robinho. Seguem as metáforas: *no terceiro, esticaram numa boate*. No quarto, *gastassem as folgas em baladas*. No quinto, *cabeça menos colonizada* e todo um jogo com os vocábulos da família de amadurecer: *amadurecem, amadureceriam, amadurecimento*. No sexto, *Parreira tinha a Golden Cross a seu lado*, *Ronaldinho precisava recuperar seu desodorante Rexona, gastou toda a sua energia*. A marca do desodorante remete ao espírito comercial que dominou a seleção. No sétimo, a palavra *elenco* (denotativamente, coletivo de artistas) desviada do seu campo semântico para significar o grupo de jogadores de futebol; a ambigüidade em *motivados*, inclusive grafada entre aspas. No oitavo, *O pessoal de Babel, quando muito, chega às quartas-de-final*. Define a bisonha colocação que o time brasileiro obteve, num campeonato que faz o seu país parar, tal o entusiasmo que nele desperta. A figura bíblica da Torre de Babel conduz ao ápice da argumentação: quando se destrói a língua de um povo, destrói-se por completo esse povo. Os jogadores já perderam a sua nacionalidade, o seu compromisso com o Brasil. No nono, vê-se a pífia participação dos locutores, que nem mesmo conseguem criar uma metáfora adequada. Toledo combina metáforas de uso corrente na língua com metáforas novas, para conduzir o raciocínio do leitor à tese que pretende comprovar.

Os recursos irônicos perpassam todo o texto. No primeiro parágrafo, a falta de paralelismo das enumerações e o cruzamento de campos semânticos distintos criam um intróito, para o leitor perceber que tudo que infringe a lei se relaciona à falta de ética atribuída aos jogadores no decorrer do texto, sem que tal binômio lei/ética seja alguma vez pronunciado. No segundo, a aproximação entre os verbos *jogar, vender e namorar* produz um efeito irônico, num contexto em que a eficácia técnica dos jogadores está sendo analisada. No terceiro, *comemorar derrotas* e o exagero da comemoração da *performance* – um Porsche de 500 000 reais para dois gols (e qual seria a expectativa para um atacante?). No quarto, o emprego do adjetivo *real* confere ironia ao texto, pois não é atribuição de um técnico preparar seus jogadores para a vitória? E o seu *desiderato* era formar equipe perdedora? Como *abriu uma exceção*, num momento decisivo, como o jogo contra a França? O adjetivo *impecável* reitera a ironia; Parreira esmerou-se para ser derrotado? No sexto, a comparação entre dois técnicos – Parreira e Feola – cria um arcabouço irônico com o “despertar” do primeiro profissional; o adjetivo *desesperado*, o verbo *recuperar* e o advérbio *misteriosamente* remetem à surpresa e ao não-entendimento da torcida em relação ao fraco desempenho do ídolo que nem precisou de desodorante, uma vez que não suou a camisa. A *relação direta entre os anúncios e o fracasso do Brasil na Copa da Alemanha* expressa o argumento do autor; o adjetivo *direta* acentua tal objetivo: os jogadores têm como objetivo o lucro financeiro e não o compromisso profissional. No décimo, a expressão *um pouco mais pobres* revela a crítica à supervalorização econômica do profissional, que se tornou prioritária, em detrimento de valores éticos. Raciocina-se: se forem mais pobres, se esforçarão mais. O modalizador *dever*, presente em sete dos dez parágrafos, remete à categoria da *evidencialidade*, que caracteriza a força e a natureza de que o autor dispõe para dizer alguma coisa (TRASK, 2004: 195).

6. A aplicação didática

PORTINE (1983: 129-136) propõe atividades pedagógicas de escrita como um projeto que reúna a situação global (relações sociais), as situações da escrita propriamente dita e as características desta. Tal projeto deve apoiar-se, como um, mas não o único de seus parâmetros, no relacionamento com situações concretamente vividas pelo estudante. Também necessita englobar, alternadamente, exercícios de formulação, exercícios lexicais e exercícios textuais. No presente trabalho, escolheu-se a terceira opção; cumulativamente, ela se relaciona às duas primeiras. Seguem as sugestões metodológicas:

1ª. sugestão. Separar em dois grupos as expressões metafóricas do texto lido: as que pertencem à linguagem coloquial; as que pertencem a uma linguagem mais elaborada. Verificar que as mudanças de registro devem ser intencionais.

2ª. sugestão. Citar exemplos de um texto mal redigido, em que as idéias se contradizem, e confrontá-los com as contradições (voluntárias) inferidas do texto de Roberto Pompeu de Toledo. Analisar o efeito de sentido que os dois grupos produzem, verificando que os exemplos expressos pela ironia visam à conveniência da argumentação.

3ª. sugestão. Selecionar textos sobre futebol. Destacar as metáforas que neles aparecem e analisar o seu efeito argumentativo-persuasivo.

7. Conclusão

O que se espera de um jogador da seleção é que ele atue com profissionalismo, aí incluídas a ética e a competência, e não que participe de festas, namore modelos e exiba riquezas.

Toledo trabalha com metáforas que se apóiam no descolorido dos *topoi*, para emitir opiniões que convençam o leitor de quão reprovável foi a atitude dos jogadores brasileiros. Paralelamente, utiliza-se da ironia – e suas metáforas são igualmente irônicas –, envolvendo o texto num tom zombeteiro, criticando a atitude da seleção.

Depreende-se, portanto, do ensaio *Recomendações para a Copa de 2010* a tese “A seleção de 2006 foi derrotada eticamente”.

8. Referências bibliográficas

ANSCOMBRE, Jean-Claude/DUCROT, Oswald. *L' argumentation dans la langue*. 3ª. ed. Liège: Mardaga, 1997.

BOISSINOT, Alain. *Les textes argumentatifs*. 2ª. ed. Toulouse: Bertrand-Lacoste, 1994.

CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l' expression*. Paris: Hachette, 1992.

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

CHIERCHIA, Gennaro. *Semântica*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Londrina, PR: EDUEL, 2003.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

KERBRAT-ORECCHIONI C. *L' implicite*. Paris: Armand Colin, 1986.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. V.1. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955.

PERELMAN, Chaim. *Tratado de argumentação*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PORTINE, Henri. *L' argumentation écrite: expression et communication*. Paris: Hachette/Larousse, 1983.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. *Recomendações para a Copa de 2010*. *Veja*, 12 de julho de 2006.

TRASK, R.L. *Dicionário de linguagem e lingüística*. São Paulo: Contexto, 2004.

VOSSIUS, Gerard-Jean. Rhétorique de l' ironie. In *Poétique*. 36. Paris: Seuil, 1978.